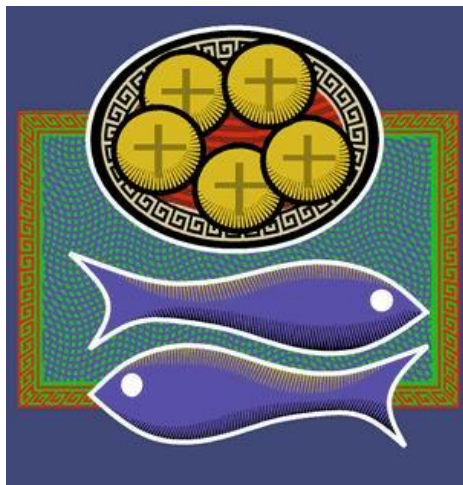




O DÍZIMO É MANIFESTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA PARTILHA!

Desde o ano passado, a nossa Diocese escolheu o mês de novembro para ser o "Mês do Dízimo". Você sabe, na Igreja, ser dizimista é essencial pra experiência de nossa fé e vida comunitária. Vamos, portanto, neste mês, intensificar nossas reflexões sobre essa responsabilidade e meditar sobre a participação da comunidade na missão evangelizadora da nossa Paróquia, através dessa oferta generosa.

Uma coisa é verdadeira: só é possível falar do Dízimo sob o ponto de vista teológico e pastoral, no âmbito da evangelização. Sem isso, o dízimo se torna apenas uma contribuição financeira. Precisamos imprimir no âmago da experiência do dízimo o seu sentido evangelizador, a sua razão bíblico-teológica e pastoral, ou seja, fazer Pastoral do dízimo

evangelizando ou evangelizar fazendo Pastoral do dízimo. Por isso a CNBB assim define o dízimo: **"O dízimo é uma contribuição sistemática e periódica dos fiéis, por meio da qual cada comunidade assume, corresponsavelmente, sua sustentação e a da Igreja. Ele pressupõe pessoas evangelizadas e comprometidas com a evangelização"** (CNBB, Doc. 106, N.6)

Se o dízimo para a Igreja é um gesto de gratidão a Deus por tantos benefícios recebidos (*basta pensar no dom da vida*), a **devolução do dízimo nasce do coração sensível**. O dízimo é um ato de amor a Deus e aos irmãos. É uma resposta de fé e de corresponsabilidade pela evangelização, **pois a esta tem uma dimensão econômica**.

Muitos se questionam sobre a quantia dos 10%. Quanto a isso é importante se perguntar sobre medida da própria gratidão. **A gratidão não tem medida! Cada um é chamado, antes de tudo, a avaliar-se! Deus não gosta de nada forçado e nem de medidas mesquinhas!**

Biblicamente eram dez por cento o que os fiéis judeus davam para a manutenção das despesas do templo e manutenção dos sacerdotes. **Mas o Dízimo é uma questão de generosidade:** "dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama quem dá com alegria". **Não se trata de uma questão matemática, mas moral, espiritual!** O importante é que o dizimista se sinta livre e corresponsável dando fielmente a sua contribuição mensal. **"Quem é generoso progride na vida"** (Pr. 11, 25).

Todas as pessoas que participam da vida da Igreja e tem uma fonte de renda são convidadas a serem dizimistas. Ninguém, nessa condição, está dispensado de manifestar sua gratidão a Deus para a promoção da fé.

A obrigação do dízimo vem da generosidade do próprio coração. Se o fiel católico se sente parte integrante da Igreja, então não está dispensado de contribuir para que ela seja sempre viva, forte, atuante e tenha todos os meios necessários para que a Palavra de Deus chegue a todos. **O dízimo é manifestação da consciência da partilha!**

Certo, é que a Igreja é obra de Deus, e o seu Senhor vai retribuir a todos aqueles que foram generosos para com ela. Quem fez e faz uma experiência madura do "ser dizimista", sabe disso! **TENHAMOS, PORTANTO, FÉ NO DÍZIMO E UM DÍZIMO COM FÉ.**

PASTORAL DO DÍZIMO E PPA



A IGREJA PERMITE A CREMAÇÃO?

Cresce na sociedade atual a prática da cremação. Essa nova postura diante do corpo dos falecidos suscita uma reflexão sobre o sentido do findar a existência.

Na antiguidade, a prática da cremação provinha de duas razões diferentes: a necessidade de trazer de volta os soldados mortos, para receberem sepultura em sua pátria, como ocorria entre os gregos; ou por convicções religiosas, como entre os escandinavos, que acreditavam assim libertar o espírito de seu invólucro carnal e evitar que o morto pudesse causar algum mal aos vivos.

Era prática judaica enterrar os mortos na terra ou em túmulos de pedra. Não era costume judeu cremar os corpos e contemplavam essa prática com horror. Os cristãos seguiram o exemplo judaico no que concerne ao respeito aos mortos. Aceitavam o ensino de que o corpo do cristão é o Templo do Espírito Santo e, como tal, deveria ser respeitosamente enterrado. Os cristãos primitivos procuravam sepultar seus mortos num mesmo lugar, dando a esse lugar o título de cemitério, cujo significado é dormitório.

O Cristianismo sustenta claramente que os mortos ressuscitarão e a sua identidade pessoal será restaurada em plenitude. Por isso, a Igreja sempre se opôs à cremação dos corpos de seus fiéis, ao passo que sempre permitiu uma certa variedade de enterros, seja a princípio dentro de igrejas no caso dos mártires, ou nos jardins das igrejas, em solos consagrados fora da cidade ou mesmo em cemitérios seculares.

Atualmente, a Igreja Católica não põe qualquer objeção à cremação, mas dá preferência ao sepultamento. O que deve ser garantido é que a cremação não seja expressão de oposição à esperança na ressurreição.

Contudo, a Igreja exorta que não se esparjam as cinzas dos católicos na natureza. O corpo é concreto e é um sinal sensível. O que resta do corpo é um sinal de referência. Daí o valor de conservar com respeito as cinzas e de não as dispersar. Prefere-se que a urna que contém as cinzas seja depositada em local apropriado, sejam em columbários, espaços apropriados para deixar as urnas, em locais especiais. Igualmente é desejável que o católico coloque a urna num cemitério, no túmulo de algum parente. Enfim, há igrejas que dispõem de locais para essa finalidade, como o subsolo da Basílica da Medianeira em Santa Maria.

Na morte nós voltamos para Deus e não para a natureza. É outra razão simbólica para que as cinzas não sejam espalhadas, embora o Criador possa reconhecer os seus sem que, nem o fogo que incinerou os corpos e nem o verde da natureza que os absorveu, possa impedir.

De qualquer forma, cuidar do corpo dos mortos é uma prática cristã antiga. Em sua obra *De Cura pro Defunctis Gerenda*, (sobre os cuidados que se deve ter pelos mortos), Santo Agostinho declara que embora o morto não saiba o que está acontecendo na terra, as observâncias dos ritos funerários indiretamente proporcionam-lhes benefícios na medida em que os vivos que visitam suas tumbas são levados a recordá-los e orar por eles.

ANGELO COMAR



"COMO COISA E PROPRIEDADE..."

Quem já não cantou a Consagração à Nossa Senhora? É um canto antigo, baseado na oração de um Jesuíta italiano de nome Nicola Zuchi, mais ou menos do século 17. Ao Cantá-la, quando chega aquela parte: "Guardai-me, defendei-me, como coisa e propriedade vossa amém...", vem a dúvida: É coisa ou "filho(a)"? Para quem canta dá-se a impressão de que "coisa" é uma palavra muito feia, e que o certo seria "filho(a)". E como presenciamos, todos mudam o canto, pra ficar politicamente correto. O que é o certo então?

Nós que cantamos, somos filhos, é verdadeiro. Então por que na letra original, aparece "coisa"? Vamos explicar. O sentido real de dizer que desejo ser como coisa e propriedade de Nossa Senhora é dizer que quero abrir mão totalmente de minha vontade para ser conduzido por ela. Ora, não é esse o sentido de se consagrar? E justamente ser separado para alguém a quem se deseja consagrar. Aliás, existe uma frase anterior que não é mudada e tem justamente este sentido: "Tudo o que sou desejo que a vós pertença". É próprio das coisas pertencer a alguém. Como coisa e propriedade, digo que quero aceitar sua vontade em minha vida para que ela possa melhor me ajudar a chegar ao Pai por Jesus. Sendo assim, a palavra "coisa" não é feia, ao contrário ajuda-nos a plenificar a nossa consagração a Maria, mostra uma proposta ainda mais radical de ser obediente, de ser servo, de ser consagrado - mais ainda do que um filho seria, já que como filho ou filha poderia ser desobediente e dificultar a proposta da consagração, mas como "coisa" estou todo entregue, como diria Santa Teresinha: "como um brinquedo nas mãos do Menino Jesus." Um brinquedo não tem vontade própria, só a vontade de quem brinca com ele! É isso!



POR QUE FAZEMOS ABSTINÊNCIA DE CARNE?

A abstinência de carne e o jejum são formas de penitência orientados pela Igreja para recordar o amor de Cristo, que morre na Cruz por nós.

Para o saudoso Missionário Redentorista padre Luiz Carlos de Oliveira, muitos fiéis faziam abstinência de carne pensando que, evitando a carne, seria mais fácil vencer os vícios: "Não adianta tirar a comida se não tiramos a gordura que pesa nosso coração".

"Jesus criticou muito o jejum feito para aparecer, sem uma vida coerente de justiça e caridade. O jejum tem um sentido espiritual e não somente uma prática de tratamento do corpo, o que pode ser beneficiado. O jejum religioso é prática antiga entre os judeus e os cristãos. Não adianta tirar a comida se não tiramos a gordura que pesa nosso coração", afirmou.

COMO FAZER UM JEJUM QUE AGRADE A DEUS?

"A abstinência de carne é um costume generalizado entre muitas religiões. Esta prática é entendida de diversos modos. Alguns pensam que no ser humano, carne e espírito como opostos. É o princípio dualista. Procura-se eliminar o que é carnal para desenvolver a parte espiritual. É o princípio do bem e do mal.

Pode-se também lembrar essa identificação da carne humana como geradora do mal, do pecado. Coibindo o uso da carne, dominamos os instintos carnavais e assim se eleva o espiritual. Passou-se então a desprezar tudo o que é humano como animalesco em função da beleza do espiritual", afirmou.

Padre Luiz Carlos explica que Jesus não pensou assim e ensinou a unidade do espiritual e do material. "O ser humano é matéria, mas é também espiritual. Não em oposição, mas na mútua complementariedade. Falamos de ressurreição da carne. A carne, nosso modo de existir, faz parte do projeto amoroso de Deus para a felicidade das pessoas. Não podemos negar as tendências ao mal. As tentações existem. Não basta só abster-se de carne. Ela é um aspecto simbólico de tantos males dos quais temos que nos abster", completou.

O Missionário Redentorista lembra que a Igreja do Brasil propõe que todas as sextas-feiras do ano, sejam dias de penitência, e que pode também não se comer carne como penitência.

Qual a diferença da abstinência de carne e do jejum?

Padre Luiz Carlos nos ensina que o jejum é mais amplo que a abstinência de carne. É praticado por opção da pessoa nos outros dias que não são de obrigação. Atualmente, nas normas da Igreja, o jejum é obrigatório

somente na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira Santa.

De acordo com padre Luiz Carlos, o jejum é um remédio muito bom para nos equilibrar no relacionamento com as coisas criadas. É preciso saber dominar-se diante das coisas boas, para que não se tornem perigosas. "Comer é bom, mas com o equilíbrio. Enquanto há no mundo os que passam fome, há os que exageram na comida. Pior ainda é o desperdício que ofende o ser humano necessitado".

O sacerdote lembra que não podemos ser escravos dos bens materiais, pois colocaremos Deus de lado, perdendo assim a harmonia que deve haver em nosso ser humano e espiritual.

"A prática do Jejum imita os 40 dias de Jesus no deserto. Ali se preparou para sua missão. Quem sabe, nas decisões de nossa vida, não fosse bom prepará-la com o jejum e a oração. A liturgia deste tempo fala muito de jejum, mas não vejo que ele aconteça. Quem sabe devamos repensar seu sentido e seu uso", completou.

O jejum tem um sentido espiritual e não é somente uma prática de tratamento do corpo.

Escrito por Polyana Gonzaga



ORAÇÃO DE NOVEMBRO

Senhor, o sofrimento nos lembra que a vida não é destinada a evitar a dor e que amar é aceitar o risco de sofrer.

Ajudai-nos, Senhor, a crescer em meio a este sofrimento de perda, dai-nos paciência e tempo para encontrar a serenidade.

Ensinai-nos, Senhor, a descobrir vossa presença nos acontecimentos que não conseguimos compreender.

Colocai-nos em contato com as riquezas escondidas em nosso íntimo e guiai-nos suavemente para o amanhã, transformando nosso pesar em compaixão, nossas feridas em nova esperança para os outros.

Senhor, que consigamos fazer do tempo um tesouro: para aceitar a morte, deixar partir, tomar decisões, compartilhar sentimentos, acreditar novamente, perdoar, nos sentir bem conosco mesmos, conhecer novos amigos, sorrir e ajudar quem necessita.

Senhor, ninguém pode anestesiá-la nossa dor, porque ninguém pode roubar nosso amor.

Ensinai-nos a descobrir que o chamado da vida é aprender e amar novamente.

Amém!



CORRIGIR-SE PARA CORRIGIR

A sensação de ter um cisco no olho é uma coisa muito chata. É o tal do argueiro. E a pessoa mesma pode tirar o cisco do seu próprio olho, banhando os olhos com água na torneira, no chuveiro ou derramando água no olho com um copo, por exemplo. Mas, nada de ficar esfregando o olho. E todo cuidado com as mãos sujas: elas podem aumentar o problema, irritando os olhos ou transmitindo doenças.

Normalmente, a pessoa precisa da ajuda de alguém para remover o cisco do seu olho. Mas, quem vai ajudar tem que estar com as mãos bem lavadas com sabão, e precisa identificar onde está o cisco, o argueiro. Tem que olhar bem, abaixando a pálpebra do olho e pedindo à pessoa para mover o olho para um lado e para o outro. Identificando o cisco – um cílio, um lixinho ou o que seja – precisa ajudar a pessoa a lavar os olhos com água. Não tendo jeito, tem que levar logo num posto de saúde, numa UPA.

Dessa experiência tão simples, a do argueiro, Jesus tira uma lição muito séria: “Como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o cisco do teu olho, quando tu não vês a trave no teu próprio olho?” Achar defeito na vida dos outros,

bem que é fácil. Difícil é identificar os próprios erros e querer consertá-los. É claro que os outros precisam de nós, de nossa amizade, de nossa proximidade, de nossa correção também. Por isso, precisamos estar em condições de ajudar. Mas, ajuda a tirar o cisco do olho do outro ou da outra quem está enxergando bem, não é verdade? Você estando com a sua vista prejudicada, como se tivesse uma trave de madeira nela, não vá se meter a tirar o argueiro do olho do seu irmão!

Alguém que chega atrasado todo dia no trabalho não vai poder corrigir um colega que um dia se atrasou. Primeiro, cuide de andar no horário. Um pai que chama palavrão na vista dos filhos não tem moral para reclamar de um filho que soltou um palavrão. Primeiro, tirar a trave do seu olho para ajudar a tirar o cisco do olho do filho. E aquele outro que não pisa na Igreja, mas fica cobrando que os filhos não percam a Missa no domingo. E aquele casal que nunca chegou a celebrar o seu casamento religioso, como pede a Igreja, e fica cobrando que a filha se case na Igreja.

Guardando a mensagem

Facilmente, percebemos os erros alheios. E os repreendemos. Ajudar os outros a se consertar é uma coisa importante e necessária. Somos responsáveis uns pelos outros. Mas, para tirar o cisco do olho de alguém, preciso estar vendo bem. Acontece que, muitas vezes estamos com uma falha pior do que a que queremos consertar na vida de outrem. A hipocrisia é justamente estranhar o malfeito do outro, quando a nossa vida não é nada exemplar. Realmente, precisamos ajudar quem está ao nosso lado. Mas, primeiro consertemos a nossa vida.

Pe João Carlos SDB

AGENDA PASTORAL

02 DE NOVEMBRO	FINADOS –MISSAS DO DOMINDO	MATRIZ E CAPELAS
02 DE NOVEMBRO	FINADOS –16H NO CEMITÉRIO DA VILA EUCLIDES	CEMITÉRIO
04 DE NOVEMBRO	REUNIÃO DO CONSELHO FORÂNEO PASTORAL	19H30 - SÃO JOÃO
08 DE NOVEMBRO	BATISMO	10H - MATRIZ
16 DE NOVEMBRO	DIA MUNDIAL DO POBRE - DAS 8H ÀS 12H FORANIA RUDGE	PRAÇA SÃO JOÃO
18 DE NOVEMBRO	REUNIÃO COM EQUIPES DE LITURGIA E ELEBRAÇÃO	20H SALA SÃO JOSÉ
20 DE NOVEMBRO	ASSEMBLEIA DIOCESANA DE PASTORAL	COLÉGIO S. JOSÉ / S.A.
22 DE NOVEMBRO	REUNIÃO COM O CPP AMPLIADO - ESTUDO ASSEMBLEIA	SALA SÃO JOSÉ
23 DE NOVEMBRO	SOLENIIDADE DE CRISTO REI	AMBIENTE
25 DE NOVEMBRO	REUNIÃO DO CAEP	SALA DA MEMÓRIA
26 DE NOVEMBRO	FORMAÇÃO LITÚRGICA - ESTUDO DOS DIRETÓRIOS	20H SALA SÃO JOSÉ
29 DE NOVEMBRO	BATISMO	10H - MATRIZ
29 DE NOVEMBRO	MONTAGEM DO PRESÉPIO E COROA DO ADVENTO	MATRIZ E CAPELAS
30 DE NOVEMBRO	1º DOMINGO DO ADVENTO	MATRIZ E CAPELAS

EXPEDIENTE:

Diretor/Responsável: Padre Paulo Afonso da Silva

Colaboradores: Cristiane Cordeiro e Angelo Comar

Layout: Roger Romero

Jornalista Resp.: Fernanda Minichello Manoel-MTB92409/SP

pascocom
Região Rudge Ramos

